

Catequese em Família – O sofrimento do outro

Dinâmica: O familiar adulto que inicia cada sessão, programada em família, para que estes passos possam ser seguidos. Faz-se uma leitura partilhada, de seguida há um momento de diálogo com a dinâmica proposta hoje com base na passagem bíblica Mt 14,13-21 fazendo uma partilha para toda a família.

Leitura: Deixar-se afetar pelo sofrimento do outro

“Jesus viu uma grande multidão e, tomado de compaixão, curou os seus doentes” (Mt 14,14)

Quem é verdadeiramente humano? Aquele que é movido pela compaixão.

O grau de humanidade (ou de barbárie) de nosso mundo se mede pelo grau de sensibilidade diante da dor humana. E é a compaixão a melhor expressão dessa sensibilidade e humanidade: deixar-nos afetar pelo que acontece – ou seja, ter uma sensibilidade limpa, desbloqueada e vibrante.

Definitivamente, a compaixão é central para sermos humanos. O sofrimento das vítimas nos “descentra” e nos faz “descer com paixão” aos seus pés e nos situar ao lado (a favor) delas. Sempre se pode “passar para o outro lado”. Aí é onde se abrem espaços à compaixão.

No interior de todos nós há sempre reservas e redutos de bondade, muitas vezes, adormecidos, mas que podem ser ativados diante da dor e da miséria dos outros. Não somos sempre e totalmente egoístas. Uma desgraça, uma tragédia... podem muito bem “impactar nossas entradas” e despertar a consciência de que fazemos parte da mesma família humana.

Esta compaixão não é meramente um sentimento privativo, mas reação “apaixonada” diante das injustiças sangrentas de nosso mundo. Nos sofredores há algo que atrai e convoca, que nos faz sair de dentro de nós mesmos e nos fazer próximos dos sofredores; aí reside a origem da solidariedade que suscita uma ação eficaz e um compromisso de vida a favor de quem é vítima de situações injustas.

Ao mesmo tempo, não é raro que a compaixão desperte o contato com a nossa própria vulnerabilidade ou fragilidade. Quando acolhemos toda essa nossa realidade a partir de uma atitude humilde, é provável que emerja um sentimento amoroso para nós mesmos. E, a partir dele, nos tornamos mais sensíveis ao sofrimento dos outros.

O campo da compaixão é o encontro pessoal, ou seja, quando as pessoas decidem romper as barreiras que as isolam e deslocar-se uma em direção à outra. No encontro, estabelecem-se relações que mudam as posições entre si, umas e outras intercambiam seus lugares vitais e os laços da existência ficam reforçados.

O primeiro traço do encontro compassivo é a gratuidade. Aqui não se gera uma situação de dependência ou de senhorio, mas revela-se um “excesso” de amor, que não se mede. Outro traço do encontro compassivo é a proximidade. Tocar, ver, aproximar-se, deixar-se afetar..., são requisitos da compaixão, superando as barreiras da indiferença, da falta de atenção. A distância os fez estranhos, a proximidade, o abraço os devolve a seu lugar: filhos, amigos, amados, festejados... O terceiro traço do encontro compassivo é a profundidade, que desperta a capacidade de amar que está presente em todo ser humano. Compartilha-se a ferida mais profunda da outra pessoa. Só se pode amar o que tem mistério, e onde há mistério há profundidade.

A cena evangélica da multiplicação dos pães revela que o Reino nem sempre chega pelos caminhos “religiosos”, mas pode chegar através da compaixão despertada pela situação desumanizadora do outro. A compaixão derruba todas as barreiras. Compaixão, no seu sentido

etimológico, quer dizer “sofrer com”. Esse é o sentido do amor: ter o outro dentro da gente. A compaixão é uma maneira de sentir. É dela que brota a ética. A falta de compaixão é uma perturbação do olhar. Olhamos, vemos, mas a coisa que vemos fica fora de nós. “Jesus olhou e multidão e teve compaixão”. Ele faz vibrar as pulsões do humano presentes em cada pessoa. Seu jeito de “ser humano” entra em sintonia e desperta o que é mais humano no outro. Um dos traços que definem a nossa época é o fato de ser uma era de “sem-compaixão”, um tempo no qual se faz muito difícil vibrar de verdade com os outros, e especialmente com os outros maltratados pela situação sócio-econômica. A compaixão está cada vez mais ausente da esfera pública e de nossas relações com o outro diferente e com o outro distante que sofre. Aqui está a chave da incapacidade de nossa sociedade para responder aos desafios atuais.

No evangelho de hoje, em contraste com atitude compassiva de Jesus diante das multidões, os discípulos, percebendo a hora avançada, pedem que elas sejam despedidas para que comprem pão e se alimentem. Esta é a lógica desumanizadora: devolver as pessoas às suas próprias possibilidades limitadas, à escassez e à privação que a sociedade as relegou. Os discípulos são sensíveis à fome do povo empobrecido, mas o deixam à mercê de seus próprios recursos. Não conhecem outra solução.

Jesus abre outra lógica: a da partilha, frente à logica do mercado, focado na apropriação e na acumulação. “Quantos pães tendes?”, pergunta que desinstala e possibilita encontrar uma saída, pequena mas mobilizadora: a partilha de cinco pães e dois peixes. Só se fará efetiva a nova comunidade quando pães e peixes entrarem na lógica do Reino. Sem oferecer o próprio pão, os próprios recursos, a própria pessoa, não há possibilidade de construção do Reino de Deus.

A multidão dispersa, transformada pelo encontro com Jesus, já é capaz de sentar-se em grupos ordenados sobre a relva, iguais, sem divisão em hierarquia, que costuma criar fissuras na comunhão. Os que tinham algo para comer também foram repartindo com os outros. Na realidade, o verdadeiro milagre foi o da partilha, onde as pessoas famintas não se lançam vorazmente sobre os pães numa luta para conseguir os alimentos escassos. Compartilhar gratuitamente com os outros, com desconhecidos, e não acumular o que sobra, isso sim é milagre.

Em cada migalha de pão, em cada pedaço de peixe, há uma história de amores e trabalhos que vão passando de mão em mão, sem cobiça devoradora. Os bens deste mundo carregando dentro uma vocação fraterna e universal. São dons para todos.

Nesta refeição de todo o povo sobre o campo verde não se discrimina ninguém, não se pergunta a ninguém pelo seu passado, sua profissão ou sua situação moral e religiosa. Todos são acolhidos como expressão das entradas compassivas de Deus, que chama todos a compartilhar sua mesa. Todos se sentem pessoas dignas e amadas.

Esta é a utopia do Reino: tudo está reconciliado: o cosmos, com a natureza verde e em paz; os produtos do trabalho humano, da generosidade do mar e da terra; e as pessoas, numa relação harmoniosa entre si e com Deus, sem exclusões, competições nem privilégios.¹

Partilha: « Quando soube da morte de João Baptista, Jesus partiu e foi de barca para um lugar deserto e afastado. Mas, quando as multidões souberam disso, saíram das cidades e seguiram-n'O a pé. Ao sair da barca, Jesus viu grande multidão. Teve compaixão deles e curou os que estavam doentes. Ao entardecer, os discípulos chegaram perto de Jesus e disseram: «Este lugar é deserto e a hora já vai adiantada. Despede as multidões, para que possam ir aos povoados

¹ Cf. <https://catequese hoje.org.br/raizes/espiritualidade/759-deixar-se-afetar-pelo-sofrimento-do-outro>

comprar alguma coisa para comer». Mas Jesus disse-lhes: «Eles não precisam de se ir embora. Dai-lhes vós de comer». Os discípulos responderam: «Só temos aqui cinco pães e dois peixes». Jesus disse: «Trazei-mos cá». Jesus mandou que as multidões se sentassem na relva. Depois tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e deu-os aos discípulos; os discípulos distribuíram-nos às multidões. Todos comeram, ficaram satisfeitos, e ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços que sobraram. O número dos que comeram era mais ou menos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças.»

Mateus 14, 13-21

Perguntas:

1. Diante dos doentes, dos mais débeis, Jesus comove-se e actua, curando e animando... faço eu o mesmo?
2. A multiplicação do alimento começa com 5 pães e 2 peixes, que a multidão tinha: Deus não pode fazer nada sem que nós ponhamos a nossa parte, por muito pequena que seja...
3. É esta parte (o esforço e empenho pelos outros, a partilha do que temos e somos) que Deus multiplica... recordar os momentos em que senti que Deus me apoiou e ajudou a fazer coisas maiores do que eu pensava ser capaz...²

Oração: XXIX dia mundial do doente - (11 de fevereiro de 2021)

«Um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos» (Mt 23,8)

Pai santo, nós somos teus filhos.

Conhecemos o teu amor por cada um de nós
e por toda a humanidade.

Ajuda-nos a permanecer na tua luz,
para crescermos no amor recíproco,
e a fazermos-nos próximos
de quem sofre no corpo e no espírito.

Jesus Filho amado, verdadeiro homem e verdadeiro Deus,
é o nosso único Mestre.

Ensina-nos a caminhar na esperança.

Faz-nos aprender contigo, sobretudo na doença,
a acolher a fragilidade da vida.

Dá-nos a tua paz para os nossos medos,
o teu conforto para os nossos sofrimentos.

Espírito consolador,
os teus frutos são a paz, a humildade e a benevolência.

Alivia a humanidade aflita por esta pandemia.

Trata com o teu amor as relações feridas,

dá-nos o perdão recíproco,

converte os nossos corações

para que saibamos cuidar uns dos outros.

Maria, testemunha da esperança ao pé da cruz, ora por nós.

² Cf. <https://www.lugarsagrado.com/node/186485>